

O MODO NAS ORAÇÕES RELATIVAS RESTRITIVAS

Ana Filipa Fonseca¹

anafilipul@hotmail.com

FACULDADE DE LETRAS DA UNIVERSIDADE DO PORTO (PORTUGAL)

RESUMO. As orações relativas restritivas restringem a extensão de uma determinada expressão nominal antecedente ao atribuir uma qualidade específica a essa expressão que modificam. Elas podem ocorrer tanto no modo Indicativo como no Conjuntivo, dependendo de vários fatores como a leitura semântica pretendida, por exemplo. Os principais objetivos deste trabalho são: verificar a frequência do uso dos dois modos a partir de um *corpus* e caracterizar as diferentes leituras resultantes da alternância de modos. A análise feita permitiu constatar que o modo Indicativo é o modo que predomina na construção de orações relativas restritivas e que, na maioria das vezes, ele não permite alternância, ao contrário do que acontece com o modo Conjuntivo. Também se verificou que, normalmente, quando existe alternância, ela gera, como consequência, uma leitura semântica distinta, sendo que ao Indicativo estão associadas descrições definidas com leitura referencial e ao Conjuntivo descrições indefinidas com leitura não específica.

PALAVRAS-CHAVE. Orações Relativas Restritivas, Modo Indicativo, Modo Conjuntivo, Leituras Semânticas.

ABSTRACT. Restrictive relative clauses restrict the extension of a given nominal expression by assigning a specific quality to that expression they modify. They can occur in both Indicative and Subjunctive moods, depending on factors such as the semantic reading intended, for example. The main goals are to verify the usage of the two moods from a *corpus* and to characterize the different readings resulting from switching moods. The analysis made it possible to verify that the Indicative mood is the predominant way in the construction of restrictive relative clauses and that, in most cases, it does not allow alternation, unlike what happens with Subjunctive mood. It has also been found that, normally, when there is alternation, it generates, as a consequence, a distinct semantic reading, as the Indicative is associated with definite descriptions with specific reading while the Subjunctive is associated with non-definite descriptions with non-specific reading.

KEYWORDS. Restrictive Relative Clauses, Indicative Mood, Subjunctive Mood, Semantic Readings.

¹ Estudante do 3.º ano da Licenciatura em Línguas, Literaturas e Culturas da Faculdade de Letras da Universidade do Porto.

1. Introdução

As orações relativas restritivas permitem identificar qual a entidade que está a ser referida pela expressão nominal por elas modificada, uma vez que contribuem para a construção do referente, restringindo a extensão do conceito expresso pelo nome que a oração modifica. Estas orações aceitam os dois modos, Indicativo e Conjuntivo, dependendo não só do contexto, mas também da leitura semântica pretendida, sendo, inclusivamente, possível a alternância de modos em alguns casos particulares. Contudo, o uso dos modos nas orações relativas é um tema que levanta alguma discussão, pois a expressão do modo, em geral, é ainda considerada por vários especialistas como sendo uma área complexa (Marques 1995: 1).

O principal objetivo deste trabalho é determinar a frequência dos modos usados nas orações relativas restritivas, a partir de um *corpus* de registo escrito, a fim de, posteriormente, caracterizar as diferentes leituras semânticas resultantes da alternância de modos, analisando os contextos que se verifiquem ser de uso preferencial referente a cada um deles. Para sermos mais precisos, iremos ter em atenção apenas o modo Indicativo e o modo Conjuntivo.

Este trabalho encontra-se organizado em diferentes secções. A primeira secção diz respeito ao enquadramento teórico e encontra-se dividida em duas partes. Na primeira serão abordadas algumas noções breves sobre as orações relativas restritivas, enquanto na segunda abordaremos aspetos relativos ao modo, aprofundando mais os modos Indicativo e Conjuntivo. Tendo sido tratadas as questões teóricas fundamentais, explicaremos como foi recolhido e, depois, tratado o *corpus*. Serão, então, observadas as orações restritivas que constituem esse *corpus*, mais concretamente o modo nelas apresentado e os verbos que as antecedem, a fim de se encontrar, ou não, um padrão no que diz respeito ao modo utilizado em determinado contexto. De seguida, será estabelecida uma relação entre cada um dos modos, os seus contextos de uso e as leituras semânticas a eles associadas, constatando, por fim, se é ou não possível a alternância de modos e em que circunstância esta pode ocorrer. Para finalizar, apresentaremos algumas considerações finais.

2. Enquadramento teórico

2.1. Breves noções sobre orações relativas restritivas

As orações relativas restritivas pertencem a uma subcategoria de orações subordinadas designada orações adjetivas, que, como podemos perceber através desta mesma denominação, permitem atribuir, no decorrer do discurso, uma qualificação a uma ou mais entidades referidas nesse mesmo discurso (Peres & Mória 2003: 273).

Dentro das orações relativas, encontramos outra subdivisão, já que, num lado, temos as orações relativas apositivas e, noutra, as orações relativas restritivas. Segundo Veloso (2013: 2067), esta subdivisão tem por base a relação que as orações relativas estabelecem com o antecedente, sendo que ela tem implicações em características prosódicas, sintáticas e semânticas distintas:

«As orações relativas podem estar integradas em construções relativas que constituem um só grupo sintático prosódico. Nestes casos, não existe qualquer rutura, sintática ou melódica, entre o antecedente e a oração relativa. Ou seja, neste tipo de estrutura as orações relativas pertencem ao mesmo sintagma nominal que o nome modificado e são modificadores desse nome (...).

Em alternativa, as orações relativas podem formar um grupo sintático e prosódico autónomo, que se destaca do restante material (precedente) do sintagma nominal complexo. Essa independência prosódica e sintática é convencionalmente representada na escrita através do ladeamento por vírgulas, travessões ou parênteses.»

Veloso (2013: 2067)

Como foi referido anteriormente, e continuando no seguimento da abordagem citada (cf. Veloso 2013: 2067-2069), existem, de igual modo, diferenças semânticas. No primeiro caso, que diz respeito ao que ocorre com as orações relativas restritivas, a oração relativa introduz uma informação que restringe o conjunto denotado pelo nome e respetivos complementos ou modificadores, se os tiver, pressupondo-se a existência de entidades ou objetos que não correspondem à característica ou qualidade que é atribuída pela oração relativa, ou seja, a oração relativa tem a função de modificador restritivo do nome. No segundo caso, isto é, nas orações relativas apositivas, a oração relativa não contribui para a identificação do referente, pois o sintagma nominal que antecede a oração relativa é um sintagma autónomo com valor referencial próprio, sendo que, desta forma, a oração relativa não tem outra função a não ser a de introduzir um comentário, isto é, uma propriedade adicional de um referente previamente identificado, assumindo a oração a função de modificador apositivo do nome.

De acordo com Veloso (2013), a natureza do antecedente também diverge consoante o tipo de oração relativa em causa, uma vez que, nas orações relativas restritivas, o antecedente é somente o grupo nominal modificado pela oração, sendo excluído o seu especificador, enquanto, nas orações relativas apositivas, o antecedente inclui o especificador do grupo nominal modificado pela oração, sendo um sintagma nominal autónomo, completo e plenamente referencial.

Vejamos dois exemplos de Veloso (2013: 2068):

- (1) a. Os gatos da minha vizinha que vêm cá a casa não gostam de bife.
- b. Os gatos da minha vizinha, que vêm cá a casa, não gostam de bife.

Em (1a) temos uma oração relativa restritiva, enquanto em (1b) temos uma oração relativa apositiva. Analisando os dois exemplos tendo por base tudo o que já foi referido, verificamos que, efetivamente, no exemplo (1a), “Os gatos da minha vizinha que vêm cá a casa” constitui um único sintagma nominal do qual faz parte o modificador “que vêm cá a casa”, sendo que este está a restringir o conjunto de entidades a que se refere a expressão nominal “Os gatos da minha vizinha”. Pressupõe-se, então, a existência de outros gatos da vizinha que não vão a casa do enunciador. Relativamente ao exemplo (1b), a oração “que vêm cá a casa”, embora tenha o papel de modificador de nome, encontra-se, de facto, isolado por vírgulas, não pertencendo ao sintagma nominal “Os gatos da minha vizinha”, pois este sintagma é plenamente referencial e, portanto, autónomo. Assim, “que vêm cá a casa” funciona, neste caso, como um mero comentário adicional que não contribui para a identificação das entidades referidas pelo sintagma nominal ao qual essa oração relativa está vinculada.

As expressões nominais relativizadas podem ser definidas ou indefinidas (Oliveira 2003). Trata-se de expressões nominais definidas as que são individualizadas pelo locutor e pelo interlocutor, isto é, as que designam um objeto ou conjunto de objetos perfeitamente identificados no universo de referência. Por oposição, as expressões nominais indefinidas referem um objeto ou conjunto de objetos não identificados, ou seja, o interlocutor não conhece qual das entidades singulares ou plurais possíveis no discurso considerado é aquela à qual o locutor se refere.

As primeiras podem ter uma leitura referencial, se as expressões selecionarem, como refere Oliveira (2003: 223), sobre o conjunto definido intensionalmente pela propriedade “ser

X”, a parte singular única e determinada que constitui o referente do discurso, sendo que nesse caso pressupõe-se a existência do objeto ou objetos designados, ou uma leitura atributiva, se as expressões definirem intensionalmente um dado conjunto, indicando que, se esse conjunto não for vazio, o discurso tem como referente o objeto ou indivíduo que satisfaça as propriedades expressas pela descrição definida. Nesta última é possível negar a existência do objeto a que a expressão nominal se refere, uma vez que não está envolvida a pressuposição de existência, ao contrário do que ocorre na leitura referencial.

No que diz respeito às expressões nominais indefinidas, também existe a possibilidade de duas leituras distintas: a leitura específica e a leitura não específica. Seguindo a abordagem de Oliveira (2003), estamos perante um caso de leitura específica se o discurso estabelecer como referente uma parte não identificada do conjunto considerado, a partir do conjunto-base X, e perante leitura não específica se a expressão for utilizada apenas intensionalmente e, como tal, não estabelecer nenhum referente.

As orações relativas restritivas não podem ocorrer como modificadores de frase. Além disso, não devem modificar expressões com referência única, tais como nomes próprios ou pronomes pessoais.

No entanto, não é uma condição indispensável para a formação de orações relativas restritivas a realização lexical de um antecedente (Peres & Móia 2003: 277). Aliás, quando uma oração relativa restritiva tem essa particularidade de não apresentar um nome que sirva de antecedente ao pronome relativo, recebe a designação de oração relativa sem antecedente.

Quanto à constituição de uma oração relativa, é importante referir a presença do constituinte relativo, normalmente uma expressão sem significado específico característico, ou seja, desprovida de um valor semântico próprio, que é colocado tipicamente junto ao sintagma nominal que ele, de certa forma, retoma e que lhe dá valor semântico (cf. Peres & Móia 2003: 278-279). Esse constituinte encontra-se, portanto, logo no início da oração relativa.

O pronome relativo mais usado é, provavelmente, o pronome com forma mais neutra, o “que”. Este pode ser assim descrito por se tratar de um especificador puro, sem qualquer componente nominal, que é o mesmo que dizer que o “que” é um pronome semanticamente subespecificado, isto é, ele pode ser combinado com antecedentes quer com valores positivos quer com valores negativos para um determinado traço semântico, não sendo especificado para nenhum valor em particular (cf. Veloso 2013:2077). Por outras palavras, “que” pode ter

como antecedente uma expressão nominal que represente, por exemplo, um objeto, um animal ou uma pessoa, sem, portanto, qualquer tipo de restrição.

Contudo, existem outros constituintes relativos, tais como “o qual”, “quem”, “quanto”, “onde” e “cujo”, que, como têm propriedades diferentes, introduzem orações relativas com características semânticas e sintáticas distintas. O pronome “que” pode ter, em orações relativas restritivas, a função de sujeito e de complemento direto, ao contrário do pronome “quem”, que, partilhando com o seu antecedente o traço inerente [+humano], apenas pode ter as funções de complemento indireto, complemento oblíquo e complemento (possessivo) de nome; ou de “o qual”, que só em orações relativas apositivas é que se encontra associado a essas funções sintáticas. Já “quanto” tem a especificidade de ter um valor intrínseco de quantidade e, portanto, o seu antecedente não é propriamente um grupo nominal, mas antes a quantificação do sintagma nominal a que a oração relativa está vinculada, e “onde”, devido ao facto de possuir o valor semântico particular associado ao traço [+lugar], isto é, ser semanticamente locativo, tem como requisito ser precedido por um antecedente que denote um lugar. Por fim, o determinante relativo “cujo” flexiona em género e número e marca o genitivo. Na verdade, “cujo” tem duas funções simultâneas: a retoma do antecedente nominal que tem o papel de possuidor e o veicular uma interpretação definida no constituinte relativo, sendo que esta codificação da definitude tem reflexos morfológicos que resultam na referida flexão em género e em número (cf. Veloso 2013: 2097). Trata-se de um pronome relativo semanticamente equivalente a um pronome possessivo genitivo de 3.^a pessoa (Veloso 2013: 2081-2104).

2.2. Breves noções sobre modo

O Modo é, assim como o Tempo, um dos sistemas em função dos quais varia a flexão verbal em português. Encontra-se associado à modalidade, que é definida por Marques (2013: 673) como «a atitude que o enunciador ou (no caso de uma frase complexa) a entidade referida pelo sujeito da oração principal expressa relativamente ao estado de coisas descrito», ou seja, trata-se da gramaticalização de atitudes ou crenças dos falantes relativamente à situação específica a que se referem no seu discurso. Vejamos alguns exemplos de Marques (2013: 673):

- (2) a. Paulo acredita que acaba o trabalho a tempo.
- b. É provável que amanhã chova.

Em (2a), a atitude de crença é expressa através da forma verbal “acredita”, que lexicalmente já tem um significado que compreende, de facto, uma atitude de crença e essa crença é dita relativamente à informação presente na oração completiva. Em (2b), a crença do enunciador é expressa através do adjetivo “provável”, que indica uma crença média, ou seja, mais fraca, sem completa certeza.

Para além da atitude de crença (designada modalidade epistémica) que os exemplos referidos anteriormente ilustram, existem outras atitudes que podem ser linguisticamente expressas, às quais estão associadas modalidades, tal como se pode verificar nos exemplos de Marques (2013: 674) transcritos abaixo: uma atitude de obrigação (modalidade deôntica) exemplificada em (3a); uma atitude de desejo (modalidade desiderativa), como acontece em (3b); no exemplo (3c) temos a ilustração de uma atitude de avaliação, normalmente negativa, (designada modalidade avaliativa); ou, ainda, uma atitude de receio, como mostra o exemplo (3d), que, por vezes, é incluída na modalidade desiderativa:

- (3) a. A lei exige que todos os cidadãos sejam recenseados.
- b. Era bom que amanhã não chovesse.
- c. É pena que o edifício tenha sido destruído.
- d. O Paulo tem medo de que haja um acidente.

Em português temos vários modos: o modo Indicativo, o modo Conjuntivo, o modo Imperativo, o modo Condicional, o modo Infinitivo e, nalguns casos, também se considera o Futuro como sendo um modo. Contudo, como, para esta investigação, interessam exclusivamente o Indicativo e o Conjuntivo, apenas estes serão descritos, primeiro com uma caracterização geral e, depois, abordando, mais especificamente, o uso destes dois modos nas orações relativas restritivas, que são as estruturas que vão ser estudadas neste trabalho.

2.2.1. Os modos Indicativo e Conjuntivo

O modo Indicativo é, provavelmente, o modo que mais usamos em português: ele ocorre nos vários tipos de frase, sejam elas frases simples, orações principais ou orações subordinadas (Oliveira 2003: 259; Marques 2013: 674-675). É o modo associado ao real e, portanto, como é dito em Marques (2013: 675), todas as frases de tipo declarativo neste modo são interpretadas como sendo verdades (para alguém). Isto acontece por se tratar de um modo

neutro, isto é, um modo que pode ser selecionado para todos os contextos que não justifiquem a presença de um modo marcado (cf. Marques 1995: 5). De acordo com Marques (1995: 5), «o conjuntivo e o indicativo funcionam como modos complementares, sendo um selecionado para os contextos de que o outro esteja excluído (...)».

O modo Conjuntivo ocorre, na maioria das vezes, em orações subordinadas, apesar de poder ocorrer, também, nalgumas frases simples e nalgumas orações principais. Ele relaciona-se com vários valores modais (Marques 1995: 110; Marques 2013: 674) e não apenas com um, já que, como é defendido por Marques (1995:110), se pode encontrar em orações imperativas (modalidade deôntica); em orações introduzidas por “oxalá” que, geralmente, indicam desejo; em orações completivas com predicados epistémicos que expressam uma crença fraca (“duvidar” ou “ser possível”) e com predicados não epistémicos que expressam valores como o de obrigação, de permissão (“ordenar”, “permitir”), de desejo (“querer”, “desejar”), entre outros; ou em orações subordinadas adverbiais que são apresentadas como falsas ou que podem ser verdadeiras ou falsas (cf. Marques 2013: 679-681).

No entanto, como refere Marques (2013: 679-680), existe ainda um grupo de predicados epistémicos que tanto admitem o Indicativo como o Conjuntivo, como é o caso de verbos como “acreditar”, “admitir”, “imaginar”, entre outros, e de nomes como “hipótese”, “ideia” ou “suspeita”, que implicam interpretações diferentes.

Relativamente à sua ocorrência em orações relativas restritivas, como refere Marques (2013: 684-685), a principal distinção que condiciona a ocorrência de um ou de outro modo nas orações relativas restritivas reside, fundamentalmente, na interpretação e na capacidade de referência do próprio sintagma nominal. Assim, usa-se o Conjuntivo e não o Indicativo: (i) se o “sintagma relativizado não é referencial e se se nega a existência das entidades por ele descritas” (cf. 4a.); (ii) se o sintagma relativizado não for referencial e se admitir que as entidades por ele descritas possam ou não existir (4b) ou (iii) se o falante assumir que as entidades descritas pelo sintagma nominal relativizado existem, mas não as identifica (4c):

- (4) a. O Paulo não descobriu um livro que *trate* desse assunto.
- b. O João quer conhecer uma rapariga que *seja* perfeita.
- c. Ele tem quem o *ajude*. (Marques 2013: 685)

Marques (1995: 10) defende que o modo Conjuntivo só pode ocorrer se as orações relativas restritivas estiverem num contexto opaco, ou seja, no caso de o sintagma nominal relativizado poder ter leitura não específica, uma vez que, nesses contextos, as expressões são utilizadas com valor intensional.

Por sua vez, o modo Indicativo é selecionado em contextos transparentes gerados, por exemplo, por verbos como “descobrir” (5a) e “haver” (5b). Porém, se a frase matriz for negativa, o Conjuntivo já é admitido, como se pode observar em (5c) e (5d):

- (5) a. O Paulo descobriu um livro que trata / *trate desse assunto.
- b. Há um livro que trata / *trate desse assunto.
- c. O Paulo não descobriu um livro que trate desse assunto.
- d. Não há um livro que trate desse assunto.

Marques (1995: 10)

Assim, o Indicativo é utilizado nas orações relativas restritivas em que os sintagmas nominais permitem deduzir a existência da entidade em causa ou a crença, por parte de alguém, nessa existência, enquanto o Conjuntivo ocorre nas orações relativas restritivas cujos sintagmas nominais modificados não dão essa informação (Marques 1995: 150).

3. O Estudo

3.1. *Corpus*

O *corpus* recolhido para este projeto é constituído por 93 orações relativas restritivas encontradas em textos de carácter jornalístico, recolhidas através da base de dados do CETEMPúblico da Linguateca². Essas orações foram selecionadas aleatoriamente, tendo somente como condições serem orações relativas restritivas e serem introduzidas pelos seguintes constituintes relativos: “que”, “cujo” e “onde”. Assim, o *corpus* inclui 31 (33,33%) orações relativas introduzidas por “que”, 31 (33,33%) por “cujo” e 31 (33,33%) por “onde”.

Optamos por estas palavras relativas para selecionarmos o *corpus* deste trabalho, primeiramente devido ao facto de serem todas de classes diferentes, pois “que” é um pronome

² A recolha foi feita em <https://www.linguateca.pt/CETEMPUBLICO/> com as seguintes fórmulas de pesquisa: [pos="N.*"] [] {0,3} [lema="que" & pos="SPEC_rel.*"] [] {0,3} [pos="V.*"], para as orações relativas restritivas introduzidas pelo pronome relativo “que”; [pos="N.*"] [] {0,3} [lema="cujo" & pos="DET_rel.*"] [] {0,3} [pos="V.*"], para as orações relativas restritivas introduzidas por “cujo” e [pos="N.*"] [] {0,3} [lema="onde" & pos="ADV_rel.*"] [] {0,3} [pos="V.*"] para orações relativas restritivas introduzidas por “onde”.

relativo – aliás, é o pronome relativo mais utilizado –, “cujo” é um determinante relativo e, por fim, “onde” pertence à classe dos advérbios, e também porque, como tal, introduzem orações relativas com características semânticas e sintáticas distintas, como explicado na secção 2.1.

3.2. Metodologia da análise do *corpus*

Para a análise do *corpus* em questão, seguimos uma série de procedimentos cuja referência consideramos relevante.

Inicialmente, colocámos em evidência o verbo da frase superior e o tempo verbal em que este se encontrava, ou seja, o tempo verbal da situação da frase superior, a fim de se observar se se verificava alguma tendência particular com algum verbo ou tempo verbal específico.

O procedimento que se seguiu foi caracterizar as expressões nominais antecedentes, isto é, as expressões nominais modificadas pelas orações relativas restritivas, em expressões definidas ou indefinidas. Para isso, consideramos a sua leitura sem a oração relativa restritiva.

Posteriormente, verificámos os modos utilizados nas orações relativas restritivas e a leitura semântica que se tinha dos sintagmas nominais com as orações relativas restritivas nos contextos em causa. Ou seja, no caso das descrições nominais definidas, verificamos se tinham leitura referencial ou atributiva e, no caso das descrições nominais indefinidas, se tinham leitura específica ou não específica. Depois, analisámos a possibilidade de haver alternância de modos, ou seja, se, num dado contexto, uma oração relativa restritiva cujo verbo estivesse no modo Indicativo podia, ou não, ter antes o verbo no modo Conjuntivo e vice-versa. Havendo, realmente, hipótese de alternância, conferimos se se mantinha ou não a mesma leitura semântica.

Por fim, após as fases descritas e tendo em consideração todos os dados analisados, procedemos à análise e à problematização dos resultados obtidos. Desta forma, conseguimos verificar uma determinada tendência no que diz respeito ao modo utilizado nas orações relativas restritivas, bem como relativamente às leituras semânticas associadas.

3.3. Descrição dos resultados

Com a finalidade de, futuramente, compreendermos melhor possíveis tendências associadas a determinados tempos verbais, procedemos primeiramente a uma contagem do número de ocorrências dos tempos verbais das frases superiores do nosso *corpus*.

No conjunto de 93 frases complexas com orações relativas restritivas, o Presente do Indicativo é o tempo que mais se destaca, com 31 ocorrências, correspondente a 33,33% do nosso *corpus*. É sabida a enorme importância deste tempo verbal no português, podendo ser usado para se referir, por exemplo, ao passado, ao próprio presente e ainda ao futuro. Além disso, como o *corpus* é constituído por frases retiradas de textos escritos de carácter jornalístico, tal como em estudos como Silvano (2002) e Barbosa (2018), também nos dados deste estudo o uso do Presente pretende dar maior atualidade à informação relatada na notícia ou reportagem, criando um maior impacto nos leitores.

De seguida, surge o Infinitivo, com 23 ocorrências (24,73%), que aparece dependente de outros verbos ou nomes que introduzem orações completivas infinitivas.

Em terceiro, com um número igualmente considerável de ocorrências (21, que corresponde a 22,58% da totalidade dos dados que constituem o *corpus*), está o Pretérito Perfeito do Indicativo. Este tempo é utilizado para narrar situações que ocorrem no passado antes do momento de enunciação. E, por isso, é um tempo bastante frequente em contextos jornalísticos, apesar de ser menos aplicado do que o Presente.

Podemos observar, nos quadros que se seguem, os resultados quantitativos da análise do *corpus*, que serão discutidos posteriormente:

| Tempo verbal da situação da frase superior | N.º de ocorrências | Percentagens (%) |
|--|--------------------|------------------|
| Presente do Indicativo | 31 | 33,33 |
| Infinitivo | 23 | 24,73 |
| Pretérito Perfeito do Indicativo | 21 | 22,58 |
| Futuro | 7 | 7,53 |

| | | |
|--|----|------|
| Pretérito Imperfeito do Indicativo | 3 | 3,23 |
| Presente Progressivo do Indicativo | 2 | 2,15 |
| Gerúndio | 1 | 1,08 |
| Infinitivo Perfeito | 1 | 1,08 |
| Presente do Conjuntivo | 1 | 1,08 |
| Pretérito Imperfeito do Conjuntivo (Passivo) | 1 | 1,08 |
| Pretérito Mais-que-Perfeito do Indicativo | 1 | 1,08 |
| Pretérito Perfeito Composto do Indicativo | 1 | 1,08 |
| Total | 93 | 100 |

QUADRO A. Frequência dos tempos verbais das frases superiores do *corpus*.

Como se pode observar nos quadros B e C, as orações relativas introduzidas pelos constituintes “que” e “onde” ocorrem mais frequentemente com tempos do Indicativo da esfera do presente na frase superior (38,71% e 51,61%, respetivamente), enquanto as encabeçadas por “cujo” combinam-se mais com tempos do Indicativo da esfera do passado (29,03%) e, sobretudo, com tempos no modo Infinitivo (41,96%).

| Constituinte relativo | Tempo e modo da frase superior | | |
|-----------------------|--------------------------------|----------|---|
| | Indicativo | Gerúndio | % |
| | | | |

| | Presente | % | Passado | % | Futuro | % | | |
|------|----------|-------|---------|-------|--------|------|---|------|
| Que | 12 | 38,71 | 10 | 32,26 | 1 | 3,23 | - | - |
| Cujo | 5 | 16,13 | 9 | 29,03 | 3 | 9,68 | 1 | 3,23 |
| Onde | 16 | 51,61 | 7 | 22,58 | 3 | 9,68 | - | - |

QUADRO B. Frequência dos tempos verbais das frases superiores do *corpus*, agrupados por esferas temporais tendo em conta o constituinte relativo – modo Indicativo e Gerúndio.

| Constituinte relativo | Tempo e modo da frase superior | | | | | | | |
|-----------------------|--------------------------------|------|---------|------|--------|---|------------|-------|
| | Conjuntivo | | | | | | Infinitivo | % |
| | Presente | % | Passado | % | Futuro | % | | |
| Que | - | - | - | - | - | - | 8 | 25,81 |
| Cujo | - | - | - | - | - | - | 13 | 41,96 |
| Onde | 1 | 3,23 | 1 | 3,23 | - | - | 3 | 9,68 |

QUADRO C. Frequência dos tempos verbais das frases superiores do *corpus*, agrupados por esferas temporais tendo em conta o constituinte relativo – modo Conjuntivo e Infinitivo.

O quadro D sistematiza os resultados da análise relativamente ao modo nas orações relativas.

| Constituinte relativo | Modo da oração relativa | | | |
|-----------------------|-------------------------|-------|------------|-------|
| | Indicativo | % | Conjuntivo | % |
| Que | 27 | 87,10 | 4 | 12,90 |

| | | | | |
|------|----|-------|---|-------|
| Cujo | 23 | 74,19 | 8 | 25,81 |
| Onde | 27 | 87,10 | 4 | 12,90 |

QUADRO D. Frequência dos modos das orações relativas tendo em conta o constituinte relativo.

As orações relativas restritivas de modo Indicativo são mais frequentes com os constituintes relativos “que” e “onde” (correspondem a cerca de 87,10% do total das 31 frases analisadas para cada constituinte relativo, para ambos os constituintes). O constituinte relativo “cujo” denota uma menor discrepância na utilização dos modos da oração relativa, quando comparado com os outros dois, pois cerca de 74,19% das frases (23 das 31 frases) encontram-se construídas com o modo Indicativo. Ainda assim, observa-se que há uma predominância bastante significativa do modo Indicativo.

O quadro E reúne os resultados da análise do tipo de expressão nominal que antecede a oração relativa e sua distribuição pelo constituinte relativo e pelo modo da oração relativa.

| Constituinte relativo | Modo | | | | | | | |
|-----------------------|----------------------------|-------|------------------------------|-------|----------------------------|-------|------------------------------|-------|
| | Indicativo | | | | Conjuntivo | | | |
| | Antecedente | | | | | | | |
| | Expressão nominal definida | % | Expressão nominal indefinida | % | Expressão nominal definida | % | Expressão nominal indefinida | % |
| Que | 16 | 59,26 | 11 | 40,74 | 2 | 50,00 | 2 | 50,00 |
| Cujo | 9 | 39,13 | 14 | 60,87 | 3 | 37,5 | 5 | 62,50 |
| Onde | 11 | 40,74 | 16 | 59,26 | 1 | 25,00 | 3 | 75,00 |

QUADRO E. Frequência do tipo de expressão nominal que antecede a oração relativa tendo em conta o constituinte relativo e os modos das frases superiores.

Com “que”, a maioria das frases cuja oração relativa se encontra no modo Indicativo (cerca de 59,26%) é antecedida por uma expressão nominal definida. As frases cuja oração relativa se encontra no modo Indicativo, relativamente aos constituintes relativos “cujo” e “onde”, são precedidas, na sua maioria, por expressões nominais indefinidas (cerca de 60,87% e 59,26%, respetivamente).

Com respeito às frases cuja oração relativa se encontra no modo Conjuntivo, os constituintes “cujo” e “onde”, tal como indicado para as frases cujas orações relativas foram construídas com o modo Indicativo, são, na sua maioria, antecedidas por expressões nominais indefinidas (cerca de 62,50% e 75,00%, respetivamente). Já a análise das frases cuja oração relativa é introduzida pelo constituinte “que” e construída no modo Conjuntivo revelou que 50,00% dessas orações tinham como antecedente uma expressão nominal definida e os outros 50,00% eram antecedidos por expressões nominais indefinidas.

Nos quadros F e G agrupámos os resultados da análise das leituras semânticas das orações relativas antecedidas por uma expressão nominal definida e das orações relativas antecedidas por uma expressão nominal indefinida, respetivamente.

| Constituinte relativo | Modo | | | | | | | |
|-----------------------|---|-------|--------------------|---|---------------------|------|--------------------|-------|
| | Indicativo | | | | Conjuntivo | | | |
| | Leitura semânticas das expressões nominais (antecedente + oração) | | | | | | | |
| | Expressão nominal definida (antecedente) | | | | | | | |
| | Leitura referencial | % | Leitura atributiva | % | Leitura referencial | % | Leitura atributiva | % |
| Que | 16 | 88,89 | - | | 1* ³ | 5,56 | 1 | 5,56 |
| Cujo | 9 | 75,00 | - | | - | - | 3 | 25,00 |

³ O uso do asterisco serve para indicar a possibilidade de duas leituras distintas numa mesma frase.

| | | | | | | | | |
|------|----|-------|---|--|---|---|---|------|
| Onde | 11 | 91,67 | - | | - | - | 1 | 8,33 |
|------|----|-------|---|--|---|---|---|------|

QUADRO F. Resultados quantitativos das leituras semânticas das orações relativas antecedidas por uma expressão nominal definida.

| Constituinte relativo | Modo | | | | | | | |
|-----------------------|---|-------|------------------------|---|--------------------|---|------------------------|-------|
| | Indicativo | | | | Conjuntivo | | | |
| | Leitura semânticas das expressões nominais (antecedente + oração) | | | | | | | |
| | Expressão nominal indefinida (antecedente) | | | | | | | |
| | Leitura específica | % | Leitura não específica | % | Leitura específica | % | Leitura não específica | % |
| Que | 11 | 64,62 | - | | - | - | 2 | 15,38 |
| Cujo | 14 | 73,68 | - | | - | - | 5 | 26,32 |
| Onde | 16 | 84,21 | - | | - | - | 3 | 15,79 |

QUADRO G. Resultados quantitativos das leituras semânticas das orações relativas antecedidas por uma expressão nominal indefinida.

Os três constituintes relativos que introduzem as frases do nosso *corpus* apresentaram um comportamento semelhante relativamente às leituras semânticas dos antecedentes que são expressões nominais definidas. Todas as frases cujas orações relativas restritivas estavam construídas com o modo Indicativo tiveram leitura referencial. Isto é, 88,75% das orações relativas introduzidas por “que”, 75,00% das orações relativas introduzidas pelo constituinte relativo “cujo” e 91,67% das frases cujas orações relativas restritivas eram introduzidas por “onde”.

Já no modo Conjuntivo, à exceção do caso particular de uma oração relativa introduzida pelo constituinte “que”, que será analisada na próxima secção, todos os

antecedentes constituídos por expressões nominais definidas tiveram leitura atributiva, independentemente do constituinte relativo que introduzia a oração relativa restritiva. Por outras palavras, uma (5,56%) das 18 frases cujas orações relativas, para além de serem introduzidas pelo constituinte relativo “que”, têm ainda como antecedente uma expressão nominal definida tem leitura atributiva e está construída com o modo Conjuntivo. De igual modo, 3 (25,00%) das 12 frases cujas orações relativas têm em comum uma expressão nominal definida como antecedente e são introduzidas por “cujo” e, igualmente, 1 (8,33%) das 12 frases constituídas por orações relativas restritivas que são antecedidas por uma expressão nominal definida e introduzidas pelo constituinte relativo “onde” evidenciaram leitura atributiva.

No que diz respeito às leituras semânticas dos antecedentes que são expressões nominais indefinidas, os três constituintes relativos evidenciaram um comportamento semelhante entre si. No modo Indicativo, os referidos antecedentes tiveram todos leitura específica, o que corresponde, em termos quantitativos, a 11 frases (64,62%) das 13 com orações relativas introduzidas por “que” que têm como antecedente uma expressão nominal indefinida, 14 frases (73,68%) das 19 com orações relativas introduzidas por “cujo” com antecedentes que são expressões nominais indefinidas e, por fim, 16 frases (84,21%) do total de 19 com orações relativas introduzidas por “onde” cujos antecedentes são expressões nominais indefinidas.

Relativamente ao Conjuntivo, verificámos, por oposição, apenas leituras não específicas para as restantes frases que constituem o nosso *corpus* e cujas orações relativas são antecedidas por expressões nominais indefinidas. Ou seja, tiveram leitura não específica 2 (15,38%) das 13 frases com orações relativas restritivas introduzidas por “que” e antecedidas por expressões nominais indefinidas, 5 (26,32%) das 19 frases com orações relativas introduzidas por “cujo” que tinham como antecedente expressões nominais indefinidas e 3 (15,79%) das 19 frases com orações relativas restritivas introduzidas por “onde” e antecedidas por expressões nominais indefinidas.

Os quadros H e I sistematizam os resultados da análise quanto à verificação da possibilidade de se realizar, ou não, alternância de modos nas orações relativas no modo Indicativo e no modo Conjuntivo, respetivamente.

| Constituinte | Modo da oração relativa |
|--------------|-------------------------|
|--------------|-------------------------|

| relativo | Indicativo | | | | | |
|----------|------------------------------|---|-------------------|-------|-----|-------|
| | Alternância com o Conjuntivo | | | | | |
| | Sim | | | | Não | % |
| | Leitura igual | % | Leitura diferente | % | | |
| Que | - | - | 4 | 14,81 | 23 | 85,19 |
| Cujo | - | - | 6 | 26,09 | 17 | 73,91 |
| Onde | - | - | 9 | 33,33 | 18 | 66,67 |

QUADRO H. Possibilidade de alternância de modos nas orações relativas no modo Indicativo.

| Constituinte relativo | Modo da oração relativa | | | | | |
|-----------------------|------------------------------|-------|-------------------|--------|-----|---|
| | Conjuntivo | | | | | |
| | Alternância com o Indicativo | | | | | |
| | Sim | | | | Não | % |
| | Leitura igual | % | Leitura diferente | % | | |
| Que | 1* ⁴ | 25,00 | 3 | 75,00 | - | - |
| Cujo | | | 8 | 100,00 | - | - |

⁴ O uso do asterisco serve para indicar a possibilidade de duas leituras distintas numa mesma frase.

| | | | | | | |
|------|---|---|---|-------|---|-------|
| Onde | - | - | 2 | 50,00 | 2 | 50,00 |
|------|---|---|---|-------|---|-------|

QUADRO I. Possibilidade de alternância de modos nas orações relativas no modo Conjuntivo.

O modo Indicativo é o modo menos suscetível à possibilidade de alternância: nos três constituintes a maioria das frases cujas orações relativas restritivas se encontravam no modo Indicativo não permite alternância de modo ((85,19%) relativamente ao constituinte relativo “que”, 73,91% no que diz respeito ao constituinte relativo “cujo” e, por fim, 66,67% das frases que têm a oração relativa introduzida por “onde”).

“Onde” é o constituinte relativo mais predisposto à alternância do modo Indicativo para o Conjuntivo, como vimos pelas percentagens apresentadas no tópico anterior.

O modo Conjuntivo mostrou-se muito mais suscetível à alternância de modo: com o constituinte relativo “que”, as 4 frases cujas orações relativas estavam no modo Conjuntivo permitem alternância de modo; com “cujo”, as 8 frases (100%) permitem alternância de modo; e com o constituinte relativo “onde”, a nível de alternância de modo nas orações relativas restritivas construídas com o Conjuntivo, o resultado foi bastante bipartido para podermos elaborar uma conclusão clara, já que 2 (50,00%) permitem alternância e 2 (50,00%) não.

De referir ainda que, em orações cuja frase superior se encontra no Pretérito Perfeito, as relativas restritivas são construídas com o modo Indicativo, não sendo permitida a alternância de modo.

3.4. Análise dos resultados obtidos com base no constituinte relativo

Para facilitar o exercício de discussão dos resultados obtidos, começamos por verificar os resultados com base no constituinte relativo que introduz as orações relativas restritivas, “que”, “cujo” e “onde”. Para além disso, restringiremos a discussão aos dados que ocorrem nas frases superiores com os três tempos verbais mais frequentes, ou seja, os dados com o Presente do Indicativo, o Pretérito Perfeito do Indicativo e o Futuro do Indicativo, assim como com o Infinitivo. Estes tempos verbais e o Infinitivo revelam uma ocorrência significativa, permitindo tirar algumas conclusões relevantes. Deixamos, assim, os restantes dados para uma análise futura mais aprofundada.

Para além disso, teremos também em consideração a natureza do antecedente, isto é, se é uma expressão nominal definida ou indefinida, a fim de verificarmos se, efetivamente, há uma relação entre a natureza do sintagma nominal relativizado e o modo utilizado na oração relativa restritiva.

3.4.1. Com o constituinte relativo “que”

Das 31 frases cujas orações relativas restritivas são introduzidas por este constituinte, constatamos que 11 (35,48%) têm como tempo verbal da frase superior o Presente do Indicativo, sendo que dessas 11, 2 (18,18%) têm como antecedente uma expressão nominal definida, 9 (81,82%) têm como antecedente uma expressão nominal indefinida e, de igual modo, 9 (81,82%) têm a oração relativa restritiva construída no modo Indicativo com uma leitura específica ou referencial, consoante a expressão nominal que antecede a oração relativa. Apenas uma (11,11%) dessas 9 permite alternância de modos. Os exemplos que se seguem servem de ilustração para tudo o que foi referido, exatamente pela mesma ordem em que foi mencionado:

- (6) a. par=ext223603-des-96a-1: Neste capítulo, o Boavista tem investido menos, mas já *estão* em curso **as obras** que vão alterar profundamente o Estádio do Bessa e a sua zona envolvente, com um complexo imobiliário de qualidade que irá financiar a renovação do campo de jogo.
- b. par=ext844375-clt-92a-1: *Há* **um labirinto** que suga as gentes de fê, um jardim que voa, um cadáver que sonha...
- c. par=ext1367725-nd-95a-2: Assim, desde Maio do ano passado, à frente da « antena » de Moscovo *está* uma mulher *casada* com **um militar** que fala perfeitamente russo e cujos informes são altamente apreciados.
- d. par=ext1437749-soc-98b-1: Um diploma do Governo Regional da Madeira, aprovado no plenário do executivo realizado a 7 de Setembro na Expo e ainda não divulgado, *aponta* para **um regime de gestão das escolas** que difere das orientações legais definidas pelo Governo da República.⁵

⁵ Nos exemplos, iremos marcar a expressão nominal antecedente da oração relativa a negrito, a forma verbal da frase superior a itálico e a oração relativa com sublinhado.

- (7) a. *Neste capítulo, o Boavista tem investido menos, mas já *estão* em curso **as obras que vão alterar profundamente o Estádio do Bessa e a sua zona envolvente**, com um complexo imobiliário de qualidade que irá financiar a renovação do campo de jogo.
- b. **Há um labirinto que sugue as gentes de fé*, um jardim que voa, um cadáver que sonha...
- c. *Assim, desde Maio do ano passado, à frente da « antena » de Moscovo *está* uma mulher *casada* com **um militar que fale perfeitamente russo** e cujos informes são altamente apreciados.
- d. Um diploma do Governo Regional da Madeira, aprovado no plenário do executivo realizado a 7 de Setembro na Expo e ainda não divulgado, *aponta* para **um regime de gestão das escolas que difira das orientações legais definidas pelo Governo da República**.

Neste último caso, é possível alternar o modo Indicativo pelo modo Conjuntivo por não existir nenhum elemento linguístico que indique a existência desse «regime de gestão das escolas», ou que obrigue o sintagma nominal relativizado a ter uma leitura referencial. Ao efetuarmos a alternância de modo na oração restritiva, passamos a ter uma leitura não específica, como é habitual com o modo Conjuntivo.

Com respeito às duas frases que empregam o constituinte relativo “que” e cuja oração relativa restritiva é construída com o modo Conjuntivo, uma ocorre tendo como antecedente uma expressão nominal indefinida e outra ocorre tendo como antecedente uma expressão definida. A frase que ocorre com a expressão nominal indefinida (cf. exemplo (8)) tem leitura não específica, mas permite alternância de modo, sendo que essa alternância tem como consequência uma leitura semântica distinta (a leitura específica, neste caso). Já a frase que ocorre com a expressão nominal definida (ver exemplo (9)) exige particular atenção no que diz respeito às leituras semânticas, como explicaremos de seguida:

- (8) a. par=ext1363571-soc-94a-1: Trata-se de um projecto da vereadora do ambiente, Isaura Reis, que *defende* a criação de **um circuito de recolha selectiva de plásticos que permita aliviar o aterro sanitário da cidade e contribuir para a preservação ambiental**.
- b. Trata-se de um projecto da vereador do ambiente, Isaura Reis, que *defende* a criação **de um circuito de recolha seletiva de plásticos que permite aliviar o aterro sanitário da cidade e contribuir para a preservação ambiental**.
- (9) a. par=ext1124351-soc-95a-2: Não acredito nelas, não *é o modelo que eu defenda* nem é o modelo constitucional português.

Salientamos esta última frase por se tratar de um caso bastante específico. Como podemos observar, temos uma expressão nominal com um determinante artigo definido que funciona como especificador (“o modelo”) e o verbo “defender” na oração relativa restritiva no modo Conjuntivo, o que parece causar algum conflito ou mesmo agramaticalidade. As duas formas menos marcadas deste exemplo seriam as seguintes:

- (10) a. Não acredito nelas, não é **um modelo** que eu defenda nem é o modelo constitucional português.
b. Não acredito nelas, não é **o modelo** que eu defendo nem é o modelo constitucional português.

Relativamente às orações relativas restritivas introduzidas por “que” cujo tempo verbal da situação da frase superior é o Pretérito Perfeito, contamos 9 frases (29,03%), todas elas com orações relativas restritivas construídas com o modo Indicativo com leituras semânticas referenciais (e específica no caso da frase cujo antecedente é uma expressão nominal indefinida). Nestes exemplos, há 8 frases (88,89%) em que os antecedentes das orações relativas são expressões nominais definidas e apenas uma (11,11%) em que o antecedente da oração relativa é uma expressão nominal indefinida.

A alternância de modos é impossível em todos os exemplos, independentemente do tipo de antecedente da oração relativa, como é visível em (12):

- (11) a. par=ext1242272-clt-92b-1: Mas, afinal, não foi o escritor do final do século passado que *escreveu o romance* que está [na] origem da série.
b. par=ext458655-des-97b-1: Os três primeiros golos da Lazio tiveram um fio condutor: as assistências de Mancini, **um jogador espectacular** que há três épocas marcou pela Sampdoria um golo que *ajudara* a eliminar o FC Porto.
- (12) a. *Mas, afinal, não foi o escritor do final do século passado que *escreveu o romance* que esteja/estivesse na origem da série.
b. *Os três primeiros golos da Lazio tiveram um fio condutor: as assistências de Mancini, **um jogador espectacular** que há três épocas marcou pela Sampdoria um golo que *ajudasse* a eliminar o FC Porto.

Com respeito a frases cujas orações relativas restritivas sejam introduzidas pelo constituinte relativo “que” e cujo tempo verbal da situação superior seja o Futuro do Indicativo, temos uma só ocorrência que se encontra transcrita no exemplo (13). Essa frase tem uma expressão definida como antecedente (“o troço”), sendo que a leitura semântica da descrição definida (já com a oração relativa) é a referencial, inviabilizando a alternância de modo, como podemos constatar em (14):

(13) a. par=ext962946-soc-97b-1: Sem a presença de membros do Governo, *será* hoje de manhã *aberto* ao tráfego **o troço do Itinerário Complementar 1 (IC1) que liga Bombarral a Torres Vedras.**

(14) a. *Sem a presença de membros do Governo, *será* hoje de manhã *aberto* ao tráfego o troço do Itinerário Complementar 1 (IC1) que *ligue/ligar/tiver ligado* Bombarral a Torres Vedras.

Por fim, contamos 8 frases (25,81%) nas quais, para além das orações relativas restritivas serem introduzidas pelo constituinte relativo “que”, ocorre o Infinitivo na frase superior. Nestas 8 frases, 6 orações relativas restritivas (75,00%) encontram-se no modo Indicativo e têm uma leitura referencial. Neste grupo, 7 (87,50%) frases ocorrem com expressões nominais definidas e somente uma (12,50%) ocorre tendo uma expressão nominal indefinida como antecedente. Duas (25,00%) ocorrem no modo Conjuntivo com leitura atributiva ou referencial, consoante o caso, uma vez que uma das frases tem como antecedente uma expressão nominal definida e outra tem como antecedente uma expressão nominal indefinida.

Quanto à alternância de modo, as que ocorrem no Indicativo e que permitem alternância com o modo Conjuntivo são 2 (33,33%). Já as que ocorrem com o Conjuntivo permitem a alternância com o Indicativo. Segue, de seguida, um exemplo de cada uma das situações referidas:

(15) a. <p>: de outros, como a discriminação racial, correspondem a uma necessidade, essa sim concreta, de *harmonizar* a lei **à sociedade que serve,** a eliminação de crimes, como a denegação de justiça e o abandono de cônjuge ou menor em perigo.

b. par=ext975982-nd-94a-2: Para se perceber o porquê de tamanha generosidade por parte da Novell, deve notar-se que, apesar de ter adquirido a Digital Research (DR), o principal concorrente da Microsoft em sistemas operativos, a Novell continua a deter uma ínfima quota

deste mercado, devido **ao apertado controlo** que a Microsoft detém sobre os fabricantes de computadores.

c. par=ext1497123-soc-93b-1: A outro nível, o autarca alerta para o perigo de se continuar a urbanizar para além da cota 700, em termos de ocupação, o que acarretaria para o município infra-estruturas caríssimas, sendo preferível *desenvolver* **uma política habitacional** que evite essa situação.

d. par=ext1485368-soc-94b-2: Simone Veil, a ministra da Saúde que lançou a iniciativa da cimeira, não tentou sequer esconder que a declaração, ao contrário de uma convenção, não tem um «estatuto jurídico que permita exercer sanções, ou mesmo *excluir o país que não o respeite*».

(16) a. de outros, como a discriminação racial, correspondem a uma necessidade, essa sim concreta, de *harmonizar* a lei **à sociedade** que sirva, a eliminação de crimes, como a denegação de justiça e o abandono de cônjuge ou menor em perigo.

b. *Para se perceber o porquê de tamanha generosidade por parte da Novell, deve notar-se que, apesar de ter adquirido a Digital Research (DR), o principal concorrente da Microsoft em sistemas operativos, a Novell continua a deter uma ínfima quota deste mercado, devido **ao apertado controlo** que a Microsoft detenha sobre os fabricantes de computadores.

c. A outro nível, o autarca alerta para o perigo de se continuar a urbanizar para além da cota 700, em termos de ocupação, o que acarretaria para o município infra-estruturas caríssimas, sendo preferível *desenvolver* **uma política habitacional** que evita essa situação

d. Simone Veil, a ministra da Saúde que lançou a iniciativa da cimeira, não tentou sequer esconder que a declaração, ao contrário de uma convenção, não tem um «estatuto jurídico que permita exercer sanções, ou mesmo *excluir o país que não o respeita*».

Como se pode observar, em (15a) temos uma construção infinitiva seguida de uma expressão nominal definida (“a sociedade”) que é modificada por uma oração relativa restritiva na qual ocorre o modo Indicativo. Neste caso, a alternância de modo não resulta agramatical, como podemos ver em (16a), sendo que existe, com essa alternância, uma leitura semântica distinta, pois com o Indicativo o sintagma nominal tem uma leitura referencial, enquanto que com o Conjuntivo não.

Em (15b) também temos uma oração relativa restritiva construída com o Indicativo cujo antecedente é uma expressão nominal definida (“o apertado controlo”). No entanto, neste caso, a alternância de modo resulta agramatical, como é visível em (16b), uma vez que é visto

como sendo factual (e, portanto, inegável) que a Digital Research (DR) tenha sido adquirida pela Novell e que, apesar disso, esta «continua a deter uma ínfima quota deste mercado», sendo o principal motivo disso o controlo que a Microsoft detém. Ou seja, é impossível negar ou criar alguma dúvida acerca da existência do dito controlo da Microsoft, pois este é o motivo apontado para o que é referido anteriormente, isto é, para o facto de a Novell continuar a deter uma ínfima quota do mercado.

Com respeito ao exemplo (15c), estamos perante uma oração relativa restritiva construída já com o Conjuntivo e antecedida por uma expressão nominal indefinida (“uma política habitacional”). Esta frase permite alternância de modo, tendo essa alternância consequências na leitura semântica, uma vez que com o modo Conjuntivo a leitura é não específica, ou seja, a existência dessa política habitacional é apenas uma hipótese que pode, inclusive, nunca se concretizar – pode não haver uma política habitacional capaz de evitar a referida situação –, no entanto, sendo a oração relativa restritiva construída com o Indicativo, como ocorre em (16c), a leitura semântica torna-se específica e, com isso, interpreta-se que existe, de facto, uma política habitacional com essa característica não se tratando apenas de uma ideia. O sintagma nominal (antecedente + oração relativa) já teria uma leitura referencial, isto é, já aponta para a existência de um objeto concreto (uma política habitacional, neste caso).

Por último, em (15d) verificamos a existência de uma oração relativa restritiva construída com o modo Conjuntivo, apesar de o antecedente ser do mesmo tipo dos casos anteriores, ou seja, uma expressão nominal definida (“o país”). Neste caso, todo o sintagma nominal (antecedente + oração relativa) tem uma leitura não específica devido ao modo utilizado na oração relativa restritiva, sendo possível, no entanto, a alternância com o Indicativo, como é observável em (16d), que tem como consequência o facto de a leitura semântica se tornar específica. Isto é, com a oração relativa restritiva construída com o Conjuntivo, prevalece uma leitura intensional, não passando de uma ideia ou hipótese que pode nem se tornar realidade (pode não existir nenhum país que desrespeite o estatuto em causa), enquanto que, se a mesma oração relativa for construída com o Indicativo, já indica, apenas através da utilização deste modo, que, efetivamente, existe, pelo menos, um país com a característica presente na oração relativa (neste caso, de não respeitar o estatuto), ou que, não existindo, o falante acredita e tem, para si, como sendo verdade que exista.

3.4.2. Com o constituinte relativo “cujo” e suas variações

Com o constituinte relativo “cujo” e suas variações, o tempo verbal que predomina nas frases superiores é o Infinitivo. São 13 frases (41,94%), das quais 7 (53,85%) contêm orações relativas restritivas construídas com o modo Indicativo, sendo possível a alternância de modos em 3 delas (42,86%), e 6 (46,15%) com o modo Conjuntivo, sendo possível a alternância de modos em todas. Deste conjunto de 13 frases, 6 (46,15%) ocorrem com uma expressão nominal definida como antecedente e 7 (53,85%) com uma expressão nominal indefinida. Seguem alguns exemplos, em (17), para ilustrar cada uma das situações mencionadas:

(17) a. par=ext859628-soc-98b-1: Os autarcas -- presidente, secretário e tesoureiro, todos eleitos nas listas do PS -- são acusados de, entre 1989 e 1993, *reterem*, para proveito próprio ou de terceiros, **verbas da autarquia cuja quantia é superior a sete mil contos**.

b. par=ext403871-opi-96b-2: Não posso, por isso, *condenar as mulheres cuja gravidez resultou de uma violação*, as que correm risco de vida e as que sabem que os fetos que transportam sofrem de malformações irreversíveis.

c. par=ext854605-eco-91a-1: **As transacções de valores mobiliários não cotados cuja realização seja efectuada no final das sessões de Bolsa**, nas chamadas « transacções especiais », podem *formar* duas cotações.

d. par=ext13719-clt-96b-1: «Porto Santo», de Vicente Jorge Silva, «Rios de Portugal», de João Matos Silva, «A Última Saga», de Francisco Manso, e «Vasco da Gama», de Luc Cuyvers foram as produções apoiadas pela Expo 98, num contributo que visa *promover* a produção **de trabalhos cuja temática esteja de alguma forma relacionada com os oceanos**.

(18) a. *Os autarcas -- presidente, secretário e tesoureiro, todos eleitos nas listas do PS -- são acusados de, entre 1989 e 1993, *reterem*, para proveito próprio ou de terceiros, **verbas da autarquia cuja quantia seja superior a sete mil contos**.

b. Não posso, por isso, *condenar as mulheres cuja gravidez resulte de uma violação*, as que correm risco de vida e as que sabem que os fetos que transportam sofrem de malformações irreversíveis.

c. **As transacções de valores mobiliários não cotados cuja realização é efectuada no final das sessões de Bolsa**, nas chamadas « transacções especiais », podem *formar* duas cotações.

d. «Porto Santo», de Vicente Jorge Silva, «Rios de Portugal», de João Matos Silva, «A Última Saga», de Francisco Manso, e «Vasco da Gama», de Luc Cuyvers foram as produções apoiadas pela Expo 98, num contributo que visa *promover* a produção de trabalhos **cuja temática está de alguma forma relacionada com os oceanos**.

Em (17a), temos uma oração relativa construída com o modo Indicativo, que tem como antecedente uma expressão indefinida (“verbas da autarquia”). A alternância de modo resulta impossível neste caso, como podemos constatar em (18a), uma vez que é um facto a existência das referidas verbas, bem como o valor que lhe é atribuído, sendo impossível dar à descrição indefinida uma leitura não específica e, por conseguinte, um sentido intensional.

Em (17b) verificamos também o uso do modo Indicativo na oração relativa restritiva, só que, neste caso, para além de que, contrariamente ao anterior, o antecedente é uma expressão definida (“as mulheres”), é possível construir, no mesmo contexto, a mesma oração relativa restritiva utilizando não o modo Indicativo, mas o Conjuntivo (cf. (18b)), existindo, como consequência uma leitura distinta da descrição definida, isto é, uma leitura atributiva.

O exemplo (17c), por seu turno, mostra uma oração relativa restritiva construída no modo Conjuntivo que tem como antecedente uma expressão definida (“as transações de valores mobiliários não cotados”). A leitura semântica atribuída a este sintagma nominal modificado pela oração relativa é a atributiva. Neste caso, a alternância resulta gramatical, como se pode ver em (18c), gerando uma leitura referencial da descrição definida.

Finalmente, (17d) exemplifica uma oração relativa restritiva construída também com o modo Conjuntivo e cujo antecedente é uma expressão indefinida (“trabalhos”). Neste caso, a alternância de modo é possível, havendo diferenças a nível de interpretação. Isto é, com a oração relativa restritiva construída no Indicativo, interpretamos que existem, de facto, trabalhos com a característica de terem como temática algo relacionado com os oceanos.

Em seguida, temos, com o Pretérito Perfeito do Indicativo como tempo verbal da situação superior, 8 frases (25,81%), das quais 6 (75,00%) são antecidas por uma expressão nominal indefinida (como se demonstra em (19a)) e 2 (25,00%) são antecidas por uma expressão nominal definida (como a exemplificada em (19b)). Neste grupo, todas as relativas restritivas estão construídas com o modo Indicativo e não existe qualquer possibilidade de alternância, como podemos observar nos exemplos (20a) e (20b):

- (19) a. par=ext795208-pol-94b-1: Falando de Santana Lopes, *houve um convite cuja formulação irritou tanto o secretário de Estado da Cultura que lhe deu pretexto (ou vice-versa?) para bloquear a transferência dos fundos de obras e de colecções prometidas ao futuro Museu Nacional de Arte Moderna.*

b. par=ext422626-soc-97b-1: Quem se *esqueceu* do famoso Programa Interministerial de Promoção do Sucesso Educativo de meados dos anos oitenta cujos resultados se compadeciam mal com números elevados de abandono?

(20) a. *Falando de Santana Lopes, *houve um convite* cuja formulação irrite/irritasse tanto o secretário de Estado da Cultura que lhe deu pretexto (ou vice-versa?) para bloquear a transferência dos fundos de obras e de colecções prometidas ao futuro Museu Nacional de Arte Moderna.

b. *Quem se *esqueceu* do famoso Programa Interministerial de Promoção do Sucesso Educativo de meados dos anos oitenta cujos resultados se compadeçam/compadecessem mal com números elevados de abandono?

No primeiro exemplo, temos como antecedente uma expressão indefinida (“um convite”), enquanto que no segundo temos uma expressão definida (“o famoso Programa Interministerial de Promoção do Sucesso Educativo de meados dos anos oitenta”). No entanto, apesar desta diferença, os restantes parâmetros analisados têm os mesmos resultados: a oração relativa é construída com o modo Indicativo e não há possibilidade de alternância de modos, como é visível em (20a) e em (20b), respetivamente. Neste caso, tal como acontece com as relativas introduzidas pelo pronome “que”, parece ser o tempo verbal da frase superior e o seu uso numa frase declarativa que criam restrições ao uso do modo Conjuntivo. A única diferença entre os dois exemplos reside no tipo de leitura semântica: em (19a) a descrição indefinida representada pelo sintagma nominal “um convite” e pela oração relativa que se lhe segue tem uma leitura específica, e em (19b) a descrição definida construída com o sintagma nominal a negrito e a oração relativa sublinhada recebe uma leitura referencial.

Em seguida, temos 4 casos (12,90%) cujo tempo verbal da frase superior é o Presente do Indicativo. Todos são constituídos por orações relativas construídas com o modo Indicativo. No entanto, 2 deles (50,00%) ocorrem tendo como antecedente uma expressão nominal indefinida e os outros 2 (50,00%) ocorrem com uma expressão nominal definida como antecedente. Vejamos dois exemplos: um em que o antecedente é uma expressão nominal indefinida (21a) e outro em que o antecedente da oração relativa restritiva é uma expressão nominal definida (21b).

(21) a. par=ext679499-soc-98a-2: Em frente da porta, *concentra-se* **uma pequena multidão de jovens de ambos os sexos** cuja média etária deverá rondar os 20 anos.

b. par=ext1358469-soc-93b-1: **O lanço** cuja renovação agora se termina *corresponde* à primeira auto-estrada portuguesa, inaugurada em 1944.

(22) a. *Em frente da porta, *concentra-se* **uma pequena multidão de jovens de ambos os sexos** cuja média etária deva/devesse rondar os 20 anos.

b. ***O lanço** cuja renovação agora se termine *corresponde* à primeira auto-estrada portuguesa, inaugurada em 1944.

No primeiro exemplo temos como antecedente uma expressão indefinida (“uma pequena multidão de jovens de ambos os sexos”), sendo que a descrição (antecedente + oração relativa) tem leitura específica. A alternância de modo é impossível neste caso, como mostra o exemplo (22a), uma vez que o Futuro do Indicativo, que é, aqui, o tempo verbal da oração relativa, tem um valor modal epistémico que não existe no Conjuntivo.

Já a segunda frase, como referido, tem como antecedente uma expressão nominal definida (“o lanço”) e, por conseguinte, apresenta uma leitura referencial. Contudo, como observado em (22b), também neste caso a alternância de modo resulta agramatical, sendo bloqueada pelo Presente da frase superior.

Por fim, com o constituinte relativo “cujo” (ou com as suas variações) e com a frase superior no Futuro temos 3 frases (9,68%), 2 (66,67%) cujas orações relativas restritivas estão construídas com o modo Indicativo e têm como antecedente uma expressão nominal definida e 1 (33,33%) com a oração relativa no Conjuntivo e com uma expressão nominal definida como antecedente. As 3 frases permitem alternância de modo. Seguem-se, em (23) e (24), dois exemplos e respetivas alternâncias, um correspondente a uma frase que exemplifica as que têm a oração relativa restritiva no modo Indicativo e outra que é a transcrição do único caso em que a oração relativa restritiva está construída com o modo Conjuntivo:

(23) a. par=ext197704-soc-96a-1: **Os estabelecimentos** cujas conclusões do estudo apontem para o cumprimento das regras vigentes *serão premiados* com certificados.

b. par=ext906036-clt-soc-95a-1: Nessa altura, o NT já *terá evoluído* para um sistema operativo completamente orientado por **objectos** cuja interface gráfica será idêntica à do Windows95.

(24) a. Os estabelecimentos cujas conclusões do estudo apontam para o cumprimento das regras vigentes *serão premiados* com certificados.

b. Nessa altura, o NT já *terá evoluído* para um sistema operativo completamente orientado por objectos cuja interface gráfica seja idêntica à do Windows95.

3.4.3. Com o constituinte relativo “onde”

Assim como ocorre com o constituinte relativo “que”, também com “onde” o tempo verbal que mais se salienta nas situações superiores recolhidas no *corpus* é o Presente do Indicativo, com 15 ocorrências (48,39%). Dessas 15 ocorrências, todas constituídas por orações relativas restritivas construídas com o modo Indicativo, 8 (53,33%) têm como antecedente uma expressão nominal indefinida e 7 (46,67%) uma expressão nominal definida. Apenas 4 (26,67%) frases deste conjunto permitem alternância de modo. Apresentamos, de seguida, alguns exemplos que evidenciam o que foi dito e os respetivos testes de alternância de modo:

(25) a. par=ext19414-soc-96b-1: *é o primeiro passo num sector que a autarquia de Serpa considera prioritário, mesmo sabendo «que é uma área da competência do Governo e onde continua a subsistir um grande divórcio em relação a esta problemática», observou João Oliveira.*

b. par=ext74823-soc-96b-1: *Itália, Reino Unido e diversos países do leste europeu **são os restantes estados onde o fenómeno foi assinalado.***

c. par=ext95656-soc-96b-2: *O despacho de arquivamento do caso em análise desvaloriza o número de acidentes registados nesta porção do IP5 com o argumento estatístico de que **existem outras vias de circulação automóvel onde se produz « maior número de acidentes ».***

d. par=ext88089-des-96b-1: *. Aos 29 anos, o corredor italiano da Saeco / Levira é sempre candidato a ganhar qualquer etapa ou prémio **nas provas onde participa.***

(26) a. **é o primeiro passo num sector que a autarquia de Serpa considera prioritário, mesmo sabendo «que é uma área da competência do Governo e onde continue a subsistir um grande divórcio em relação a esta problemática», observou João Oliveira.*

b. **Itália, Reino Unido e diversos países do leste europeu **são os restantes estados onde o fenómeno fosse assinalado.***

c. *O despacho de arquivamento do caso em análise desvaloriza o número de acidentes registados nesta porção do IP5 com o argumento estatístico de que **existem outras vias de circulação automóvel onde se produza «maior número de acidentes».***

d. *Aos 29 anos, o corredor italiano da Saeco /Levira é sempre candidato a ganhar qualquer etapa ou prémio **nas provas onde participe.***

Com o Pretérito Perfeito do Indicativo como tempo verbal da frase superior, temos 3 casos (9,68%), todos eles com a oração relativa construída no modo Indicativo, sem possibilidade de alternância de modo e com uma expressão nominal indefinida como antecedente da oração relativa, conforme ilustrado no exemplo seguinte:

(27) a. par=ext23725-soc-98a-1: «O Vale das Flores *transformou-se numa floresta de betão armado onde se meteu tudo, da escola ao hipermercado*», criticou José Gama para defender não só a realização de um amplo debate mas também a necessidade de que ele seja «devidamente divulgado».

(28) a. *«O Vale das Flores *transformou-se numa floresta de betão armado onde se metesse tudo, da escola ao hipermercado*», criticou José Gama para defender não só a realização de um amplo debate mas também a necessidade de que ele seja «devidamente divulgado».

Relativamente a frases com o Futuro como tempo verbal da situação superior e cujas orações relativas são introduzidas pelo constituinte relativo “onde”, temos também 3 casos (9,68%): uma frase (33,33%) cuja oração é antecedida por uma expressão nominal definida e construída com o modo Conjuntivo; outra que, apesar de a oração relativa também ser introduzida por uma expressão nominal definida, tem a oração relativa construída com o Indicativo; e, por fim, uma frase cuja oração relativa restritiva tem como antecedente uma expressão nominal indefinida e está construída com o modo Indicativo. Destas 3 frases, transcritas em (29), as duas primeiras (66,67%) permitem alternância e a última não, como se pode constatar no exemplo (30).

(29) a. par=ext1056620-eco-94b-2: A A. Silva & Silva publicou ontem um anúncio no Boletim de Cotação avisando os accionistas, que têm as suas acções depositadas, de que a entrega dos novos títulos resultantes do último aumento de capital *far-se-á por crédito nas contas dos intermediários financeiros onde os valores se encontrem depositados*.

b. par=ext243032-nd-92a-2: O Governo argentino designou uma comissão, chefiada por Mario Burkon, ex-embaxador argentino na Polónia, que *visitará as regiões do Leste europeu onde residem potenciais emigrantes*.

c. par=ext224851-clt-93a-1: «Dentro de quatro ou cinco anos *existirá um poço onde cairemos todos*», diz uma das personagens de «Quando Passarem Cinco Anos».

- (30) a. A A. Silva & Silva publicou ontem um anúncio no Boletim de Cotação avisando os accionistas, que têm as suas acções depositadas, de que a entrega dos novos títulos resultantes do último aumento de capital *far-se-á* por crédito nas contas dos intermediários financeiros onde os valores se encontram depositados
- b. O Governo argentino designou uma comissão, chefiada por Mario Burkon, ex-embaixador argentino na Polónia, que *visitará* as regiões do Leste europeu onde residam potenciais emigrantes.
- c. *«Dentro de quatro ou cinco anos *existirá* um poço onde caíamos todos», diz uma das personagens de «Quando Passarem Cinco Anos».

Por fim, temos 3 frases (9,68%) com o Infinitivo como tempo verbal da frase superior cujas orações relativas são introduzidas pelo constituinte relativo “onde”. Dessas 3 frases, transcritas no exemplo (31), 2 (66,67%) correspondem a orações relativas restritivas construídas com o modo Indicativo, mas nas quais a alternância de modo é possível, e apenas uma (33,33%) diz respeito a uma oração relativa restritiva construída com o modo Conjuntivo, na qual a alternância de modo resulta agramatical (como se pode verificar em (32)). As 3 orações relativas em questão têm como antecedente uma expressão nominal indefinida.

- (31) a. par=ext204369-eco-94a-1: Manuel Ricciardi confirmou a intenção de não retirar o projecto de Lisboa e Carlos Oliveira terá transmitido a mensagem de que, a partir do momento em que a BVP aceitou *integrar* **uma comissão instaladora** onde pontificavam a maioria dos bancos portugueses para avançar com o projecto MEFO -- Mercado Especial de Futuros e Opções, a ABVP não tinha condições para tomar tal decisão, uma vez que o projecto tinha deixado de lhe pertencer em exclusivo.
- b. par=ext213478-clt-soc-94b-2: Vários « workshops » e demonstrações paralelas à conferência, inseridos numa apresentação dos projectos do programa europeu AIM (Advanced Informatics in Medicine), permitiram *descortinar* **áreas de intervenção médica** onde a telemática se mostra já relevante.
- c. par=ext98789-soc-91b-2: Responsabilizando o Governo pelas «eventuais rupturas do sistema que venham a ocorrer» no caso dos requisitos por si exigidos não serem satisfeitos, o SMMP afirma, na moção aprovada com apenas uma abstenção, *ser* fundamental, «na busca de soluções de consenso alargado sobre a reforma global do aparelho judiciário, a criação de **uma mesa-redonda permanente** onde tenham assento representantes do SMMP, da Associação

Sindical dos Magistrados Judiciais, da Ordem dos Advogados, das Faculdades de Direito e do Governo».

- (32) a. Manuel Ricciardi confirmou a intenção de não retirar o projecto de Lisboa e Carlos Oliveira terá transmitido a mensagem de que, a partir do momento em que a BVP aceitou *integrar uma comissão instaladora onde pontificassem a maioria dos bancos portugueses* para avançar com o projecto MEFO -- Mercado Especial de Futuros e Opções, a ABVP não tinha condições para tomar tal decisão, uma vez que o projecto tinha deixado de lhe pertencer em exclusivo.
- b. Vários « workshops » e demonstrações paralelas à conferência, inseridos numa apresentação dos projectos do programa europeu AIM (Advanced Informatics in Medicine) , permitiram *descortinar áreas de intervenção médica onde a telemática se mostre já relevante*.
- c. Responsabilizando o Governo pelas «eventuais rupturas do sistema que venham a ocorrer» no caso dos requisitos por si exigidos não serem satisfeitos, o SMMP afirma, na moção aprovada com apenas uma abstenção, *ser fundamental*, «na busca de soluções de consenso alargado sobre a reforma global do aparelho judiciário, a criação de **uma mesa-redonda permanente onde *têm assento representantes do SMMP, da Associação Sindical dos Magistrados Judiciais, da Ordem dos Advogados, das Faculdades de Direito e do Governo».**

4. Considerações finais

O objetivo principal deste trabalho foi realizar uma análise semântica das orações relativas restritivas de forma a determinar a frequência dos modos utilizados nas orações relativas restritivas e as diferentes leituras semânticas que podem ter. Para isso, recolhemos um *corpus* escrito de carácter jornalístico, sendo que, para restringirmos os dados que fariam parte desse *corpus*, optamos apenas por três constituintes relativos pertencentes a classes de palavras distintas (“que”, “cujo” e “onde”).

As frases recolhidas foram, então, analisadas segundo determinados parâmetros, nomeadamente, o tempo da forma verbal da frase superior, a natureza do antecedente da oração relativa (sintagma nominal definido ou indefinido), o modo da oração relativa, a leitura semântica obtida e a possibilidade de alternância de modos, sendo que, caso esta fosse possível, a leitura semântica era caracterizada, de modo a observarmos se a leitura se mantinha a mesma ou não.

Após a realização desta investigação e consequente análise, conseguimos chegar a algumas conclusões relevantes que consideramos importante sistematizar.

Num primeiro momento, foi comprovada a predominância do modo Indicativo, como modo mais utilizado na construção das orações relativas restritivas, pois, das 93 frases que constituem o *corpus*, 77 (82,80%) são compostas por orações relativas restritivas construídas com o modo Indicativo. Isto atesta o que foi referido no enquadramento teórico sobre o facto de o modo Indicativo ser um modo neutro e, como tal, utilizado em diversos contextos, nomeadamente quando não é justificada a presença de um modo marcado (Marques 1995: 5).

Relativamente à natureza do antecedente, verificámos que existe uma preponderância, para as expressões nominais indefinidas, independentemente do modo da oração relativa. Isto é, do total de 77 frases cujas orações relativas estão no modo Indicativo, 41 são antecedidas por uma expressão nominal indefinida – o que corresponde a 53,25% -, bem como das 16 frases que têm a oração relativa construída com o modo Conjuntivo, 10 (62,50%) são antecedidas por uma expressão nominal indefinida. Com efeito, isto demonstra que o Conjuntivo pode estar mais propenso a ocorrer em orações relativas que são antecedidas por uma expressão nominal indefinida, no entanto, tendo em conta a amplitude do nosso *corpus*, não podemos ter certezas e, por isso, esta afirmação é somente uma hipótese que esperamos ver atestada em estudos futuros.

Ainda no que à natureza dos antecedentes das orações relativas e aos modos utilizados nas mesmas concerne, consideramos relevante referir as leituras semânticas associadas a cada tipo de antecedente, bem como a cada um dos modos. Assim, com base na nossa análise, os três constituintes apresentaram um comportamento idêntico no que diz respeito às leituras das expressões nominais, uma vez que, nas frases em que a oração relativa restritiva era antecedida por uma expressão nominal definida e se encontrava no modo Indicativo, só observámos leituras referenciais. Para além disso, quando o modo utilizado nas orações relativas restritivas era o Conjuntivo, em vez do Indicativo, todas as frases evidenciaram leitura atributiva (à exceção do caso específico analisado em (10) que, como vimos, tem uma leitura ambígua).

Este comportamento geral e abrangente ocorre também quando os antecedentes das orações relativas restritivas são expressões nominais indefinidas. Contudo, nessas frases, quando as orações relativas são construídas com o modo Indicativo, verificam-se apenas

leituras específicas e, quando são construídas com o Conjuntivo, somente se observam leituras não específicas.

Resumindo: independentemente da natureza do antecedente, quando a oração relativa restritiva está no modo Indicativo, a leitura possível é a que pressupõe a existência do objeto designado, seja ele devidamente identificado, como acontece no caso do antecedente se tratar de uma expressão definida, ou não; quando a oração relativa restritiva está no Conjuntivo, a leitura possível não implica qualquer pressuposição de existência. Este facto, que comprovámos, vai precisamente ao encontro do que foi mencionado no enquadramento teórico, baseado em Marques (2013: 684-685), pois, efetivamente, a escolha do modo acarreta consequências na interpretação e na capacidade de referência do sintagma nominal em causa.

Na análise realizada, constatamos um comportamento padrão relativo ao Pretérito Perfeito do modo Indicativo. Acontece que, em exemplos cujo tempo verbal da frase superior seja o Pretérito Perfeito, a oração relativa restritiva só é construída com o modo Indicativo, não sendo possível a alternância de modos e tendo apenas leitura referencial. Isto ocorre devido a especificidades concretas deste tempo verbal: o Pretérito Perfeito diz respeito a situações ocorridas no passado que já terminaram antes do momento de enunciação e, se, portanto, já é algo que ocorreu, não é algo do plano das hipóteses. Assim, o Pretérito Perfeito do Indicativo é um tempo verbal bastante restritivo no que diz respeito ao modo utilizado na construção de orações relativas restritivas nas frases em que ocorra.

Em oposição ao Pretérito Perfeito do Indicativo temos o Infinitivo, que, pelo que pudemos observar, apesar de haver uma ligeira discrepância, pois o modo Indicativo ocorre com maior frequência (bastante acentuada nos dados que dizem respeito ao constituinte relativo “que”), é mais equilibrado na distribuição dos modos utilizados na construção das orações relativas restritivas, permitindo, inclusive, de modo igualmente equitativo, alternância de modo em alguns exemplos.

Relativamente a distinções entre os três constituintes relativos analisados, comprovamos que o “que” e o “onde” parecem ocorrer com maior predisposição em frases cujo tempo verbal da situação superior seja o Presente do Indicativo, ao contrário do constituinte relativo “cujo”, que mostra uma tendência maior associada ao Infinitivo e ao Pretérito Perfeito do Indicativo, pois, com o constituinte relativo “que”, 38,71% das 31 frases, ou seja, 12 frases, têm como tempo da frase superior o Presente do Indicativo e, com o constituinte relativo “onde”, essa percentagem aumenta para 51,61%, correspondendo a 16

frases do total de 31, enquanto que, com o constituinte relativo “cujo”, há 13 casos (41,96%), do total de 31, nos quais o tempo da frase superior é o Infinitivo. Além disso, com respeito ao modo da oração relativa, os três constituintes relativos exibiram maior destaque no modo Indicativo, uma vez que 27 (87,10%) das 31 frases associadas aos constituintes “que” e “onde” correspondem a frases cujas orações relativas restritivas estão construídas com o Indicativo, e o mesmo acontece com 23 (74,19%) das 31 frases cujas orações relativas restritivas são introduzidas por “cujo”.

É relevante ainda referir que a maioria das frases do *corpus* recolhido não aceita alternância de modo (apenas 33 frases, correspondente a 35,48% do *corpus*, a aceitam), o que comprova aquilo que foi referido no enquadramento teórico, nomeadamente que um modo ocorre em situações em que o outro modo é excluído, ou seja, o modo Indicativo e o modo Conjuntivo, são, efetivamente, modos complementares, sendo que, sempre que essa alternância é possível, verifica-se que a leitura semântica muda (sendo apenas exceção a frase que acarreta alguma ambiguidade pela sua própria construção e que já foi devidamente analisada em (10)). Assim, efetivamente, cada um dos modos está, normalmente, associado a uma leitura semântica particular.

Ainda assim, constatamos que o modo Conjuntivo tem uma maior predisposição para a alternância de modo do que o modo Indicativo, pois a grande maioria das frases cujas orações relativas estão construídas com o Indicativo (58 (74,46%) das 78 frases do nosso *corpus* cujas orações relativas estão no Indicativo) não permite alternância de modo, ao contrário do que ocorre com o Conjuntivo, onde apenas 2 casos do total de 16 frases cujas orações relativas estão no modo Conjuntivo (isto é, 12,50%) não permitem alternância de modo.

Como temos consciência das limitações do nosso trabalho, relacionadas com o facto de termos de selecionar um *corpus* com um número não muito elevado de dados, bem como com o limite de tempo, de espaço e também de aprofundamento teórico de algumas questões, consideramos importante apontar para investigações futuras um estudo mais aprofundado e alargado, com outros constituintes relativos, por exemplo, dos modos nas orações relativas restritivas não só com um *corpus* escrito de carácter jornalístico, mas também com dados retirados da oralidade para verificar se as ocorrências seriam, ou não, semelhantes.

Referências

- Barbosa, J. C. 2018. Leituras semânticas do presente do indicativo em notícias de rádio (oral) e notícias de jornais online (escrito). *eling^{UP}: Revista eletrônica de Linguística dos Estudantes da Universidade do Porto* 7(2): 23-32.
- Marques, R. 1995. *Sobre os valores dos modos conjuntivo e indicativo em português. Dissertação de mestrado*. Lisboa: Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa.
- Marques, R. 2013. Modo. In E. Raposo, M. Nascimento, M. Mota, L. Segura, A. Mendes, (Eds.). *Gramática do Português* (pp. 673-693). Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian.
- Oliveira, F. 2003. Modalidade e Modo. In M. H. M. Mateus, A. M. Brito, I. Duarte, I. H. Faria, (Eds.). *Gramática da Língua Portuguesa* (pp. 245-272). Lisboa: Caminho.
- Peres, J. A.; Mória, T. 2003. *Áreas críticas da língua portuguesa*. Lisboa: Caminho.
- Silvano, P. 2002. *Sobre a semântica da sequência de tempos em Português Europeu: análise das relações temporais em frases complexas com completivas em Português Europeu*. Dissertação de Mestrado. Universidade do Minho.
- Veloso, R. 2013. Subordinação relativa. In E. Raposo, M. Nascimento, M. Mota, L. Segura, A. Mendes, (Eds.). *Gramática do Português* (pp. 2063-2133). Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian.